

## O CONCEITO DE LIBERDADE DE JEAN-PAUL SARTRE NA CONTEMPORANEIDADE

BERVIQUE, Prof<sup>a</sup> Dra. Janete de Aguirre

Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG – GARÇA/SP –  
BRASIL

e-mail: [jaguirreb@uol.com.br](mailto:jaguirreb@uol.com.br)

CARRERO, Márcia Lamarca Cassola

Discente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG – GARÇA/SP –  
BRASIL

e-mail: [marcia\\_carrero@yahoo.com.br](mailto:marcia_carrero@yahoo.com.br)

MATTOS, Gabriel Gonçalves

Discente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG – GARÇA/SP –  
BRASIL

e-mail: [gabriel\\_220885@hotmail.com](mailto:gabriel_220885@hotmail.com)

MORAES-FILHO, João Luiz Correa Leite de

Discente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG – GARÇA/SP –  
BRASIL

e-mail: [jdm\\_moraes@yahoo.com.br](mailto:jdm_moraes@yahoo.com.br)

SANTOS, Marcela Correia dos

Discente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG – GARÇA/SP –  
BRASIL

e-mail: [mcorreiadossantos@yahoo.com.br](mailto:mcorreiadossantos@yahoo.com.br)

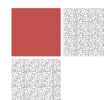
### RESUMO

A finalidade deste artigo é apresentar uma revisão de literatura a respeito da liberdade, a partir do conceito de Jean-Paul Sartre, que se contrapõe à concepção vulgar, corriqueira, para uma melhor compreensão das implicações desse conceito na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** liberdade, condição humana, escolha, consciência.

### ABSTRACT

The purpose of this article is to present a revision of literature regarding the freedom, from the concept of Jean-Paul Sartre, that if opposes to the popular conception, for one better understanding of the implications of this concept in the contemporaneidade.



**Keywords:** freedom, human condition, choice, conscience.

## 1. INTRODUÇÃO

A liberdade tem sido pauta de muitas discussões e guerras, através dos séculos, durante o processo histórico da humanidade. Segundo Rollo May (1987), a liberdade tem sido considerada tão preciosa, através dos tempos, que centenas de milhares de pessoas morreram, de bom grado, em nome da mesma.

Explorando o conceito de liberdade, encontramos no dicionário Michaelis (2000), a seguinte definição: é a isenção de restrição externa ou coação moral ou condição do ser que não vive em cativeiro. Essa visão de liberdade, também, se encontra na compreensão de livre-arbítrio, que significa, agir como se quer. No Dicionário Aurélio (2000), liberdade é a faculdade de cada um se decidir ou agir, segundo sua própria determinação; nessa compreensão podemos observar uma conotação de eleição, ou seja, agir dentro das possibilidades, das determinações.

Contribuindo para o conceito de liberdade, o filósofo Jean-Paul Sartre a concebe como toda ação, escolha, objetivo ou condição de vida, que só podem ser manifestados no ato concreto. Segundo Sartre (apud PERDIGÃO, 1995), se não há escolhas, não há liberdade, ela não pode ser abstrata e muito menos transcendente, pois se dá em nível consciente, no mundo e não separado dele. Toda liberdade envolve obstáculos e um ato em si. *“Só somos livres porque o fim a realizar se acha separado de nós pela existência real de mundo”* (PERDIGÃO, 1995, p. 86-87).

Com base nessas reflexões, argumentaremos as implicações do conceito de liberdade de Sartre, para o homem contemporâneo, com o suporte da liberdade pertinente.

## 2. A CONCEPÇÃO SARTREANA DE LIBERDADE

De acordo com Perdigão (1995), Sartre concebe a liberdade como uma condição imanente, à qual não podemos fugir, ou seja, somos condenados à

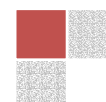


liberdade e obrigados a fazer uma escolha. Porém, não existem princípios prontos ou valores morais, que sirvam de guia para escolha humana; esta é de total responsabilidade do sujeito, é unicamente do sujeito consciente de suas escolhas, significando que o homem é resultado daquilo que escolheu ser, que mediante sua ação livre, o fez sujeito; de acordo com Danelon (2002), é o ser humano, indivisivelmente, e em suas ações concretas, que deve escolher os valores para sua vida.

A responsabilidade não é apenas em relação à liberdade, mas sobre o mundo e si mesmo; ou seja, cada sujeito é responsável pelo que lhe acontece e pelo que ocorre no mundo, pois ao me escolher escolho a todos os homens e sou responsável pela humanidade. Portanto, não adianta lamentar ou culpar o mundo pelo que me acontece, porque tudo o que acontece é meu. Por exemplo, a guerra, se eu sou mobilizado em uma guerra, esta é minha e eu a mereço, pois eu poderia desertar ou me suicidar, mas não o fiz; porque não quis arcar com essas conseqüências, preferi aceitar essa condição (SARTRE, 1997).

Sartre compreende que cada pessoa pode escolher o que fará com sua vida, sem que haja um destino predeterminado. As escolhas são direcionadas por projetos, que são movidos, fundamentalmente, pela auto-realização e a transcendência, o que significa tornar-se um ser que já realizou tudo ou que definiu sua essência, um ser Em-si; contudo o ser Em-si não tem consciência, pois está completo e acabado, morto. O objetivo é tornar-se um ser Em-si-para-si; tal ser corresponde à noção que temos de Deus, um ser completo, mas que conserva consciência de si e do mundo, de acordo com Danelon (2002), projetar-se se tornar deus.

A liberdade torna possível escolher entre todas as alternativas possíveis; “a liberdade humana está na autonomia da escolha, não consiste em poder fazer o que se quer, mas em querer fazer o que se pode” (PERDIGÃO, 1995, p. 89); ou seja, a liberdade consiste em atuar sobre um mundo de determinações, não tendo a ver com o livre-arbítrio cristão, que defende que o fato de nos sentirmos livres nos torna tal. A liberdade não está na realização de qualquer coisa, mas na eleição; a liberdade consiste em atuar sobre aquilo que o mundo faz de nós



(PERDIGÃO, 1995). Pois “o homem que de início nada é, irá definir-se pela sucessão de seus atos, pela série de opções que ele fez em face de cada situação concreta” (PERDIGÃO, 1995, p. 91).

Segundo o mesmo autor, não se pode afirmar que o homem é isso ou aquilo, pois o homem está sendo algo, não é algo acabado, o que reflete diretamente na concepção da liberdade, pelo fato de que o homem sempre tem escolha, nada nem ninguém pode determiná-lo, ou escravizá-lo.

Na liberdade, o homem perde sua humanidade, tornando-se uma coisa ao outro e fazendo do outro, igualmente uma coisa. Pensar na problemática da liberdade, implica em refletir sobre a própria condição humana de sociedade, na medida em que viver significa conviver com o outro; e é nesta relação Eu – outro que se encontra o problema da liberdade, pois o outro, faz parte do meu Eu, da minha consciência e dos meus atos. Por essa razão, Sartre considera que “o inferno, são os outros” (SARTRE, apud PERDIGÃO, 1995, p.146).

A Psicologia, também, possui sua parcela de “projeção da liberdade”, ou seja, na linha associacionista, que, segundo Japiassú e Marcondes, (1996) é a teoria que tenta explicar todas as operações mentais através de associação de idéias que se constituem de causa e efeito; aparece na Psicanálise e no Behaviorismo como determinações que levam uma pessoa a ser uma coisa ou outra, seja pelas contingências ambientais ou pela constituição psicodinâmica do indivíduo que, segundo a Psicanálise, não muda.

Vejamos as implicações. A primeira é que o indivíduo está fadado a ser algo por uma determinação que se acha fora dele, como se sua essência existisse anteriormente à sua existência. A segunda implicação é que essa linha de Psicologia vê o homem sendo algo, ou seja, alguém previsível e impossibilitado de delibera-se, ou de decidir fazer o que deseja. Uma visão reducionista de homem, que não admite que os homens sejam diferentes.

Como podemos verificar, a questão da liberdade para Sartre não se constitui com o mesmo significado corriqueiro e vulgar que a atribui a fatores externos. Esta concepção responsabiliza o homem pela sua própria condição, não de um ponto de vista liberal em que todos nascem com as mesmas



oportunidades; e o indivíduo que não ascende socialmente, simplesmente, não quis, ou não fez por merecer, mas de uma maneira mais profunda, no sentido em que a liberdade é consciente; pois, o indivíduo que escolhe submeter-se à vontade do outro, o fez porque assim desejou. Alguém poderia dizer que, talvez, ele não tivesse escolha, e é justamente esse o ponto?: sim, o sujeito tinha outra escolha, este apenas preferiu assumir a responsabilidade de se submeter ao outro, ao invés de ir contra sua vontade e assumir as conseqüências ligadas a essa atitude.

Para o homem contemporâneo, as ações são ainda mais cobradas pela existência, pois o capitalismo selvagem e excludente impõe que o indivíduo faça algo, para que este não seja “engolido”. As implicações desse conceito de liberdade refletem algumas questões, como por exemplo: quais os limites da minha liberdade sobre o outro e a do outro sobre a minha? Até que ponto o homem é livre para atuar sobre outro? Partindo do pressuposto de que liberdade leva à ação, devemos clarificar a noção de “ato”, pois este contém numerosas noções subordinadas que merecem atenção.

Agir, segundo Sartre (1997), é modificar a figura do mundo, é dispor meios com vistas ao fim; significa acarretar mudanças em toda uma estrutura por meio de um desencadeamento e conexões. Por exemplo, o imperador Constantino, ao estabelecer-se em Bizâncio, não previa que iria criar uma cidade de cultura e língua gregas, que acabou por debilitar o Império Romano; isso mostra que a ação de um indivíduo afeta a existência do outro.

Pensar na liberdade como condição humana sugere uma reflexão direta sobre um ser que vive em sociedade, que transpassa a fundamentação do coletivo, homens compartilhando do mesmo espaço, das mesmas necessidades fisiológicas, dos mesmos afazeres e, muitas vezes, dos mesmos projetos de vida. Conviver em sociedade é subjacente à relação entre “Eu e o Outro”. A questão é assumir que minha liberdade afeta o outro. Tendo em vista esse fato tenho eu o direito de agir como eu quero? (DANELON, 2002). Talvez esses dilemas sejam as melhores justificativas que o ser humano encontra para explicar sua tentativa de não assumir a responsabilidade pelas suas ações.



### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

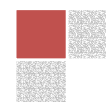
Com base nessas reflexões, podemos observar o homem contemporâneo frustrado, vivendo em um mundo permeado pela violência, onde maridos espancam suas mulheres e as estupram; psicopatas fazem da morte uma realização de vida; sádicos promovem o sofrimento do outro para obterem prazer e uma infinidade de questões que a problemática da liberdade circunscreve (DANELON, 2002).

A concepção de liberdade de Sartre, para o homem contemporâneo, ajuda a compreender a crescente despersonalização, no aspecto em que os indivíduos vivem culpando o governo, as leis ou qualquer coisa que se ache fora de si, de maneira a não assumir a responsabilidade ou as conseqüências de suas ações; muitas vezes, se restringindo à vontade do outro, por escolha própria, mas sem se responsabilizar por isso, pela razão de preferir as conseqüências de se submeter às exigências e vontades da coletividade.

Caso o indivíduo faça uma escolha, que contrarie a “razão” popular, deve estar preparado para receber críticas, perseguições e exclusões. E ao não se colocar da maneira como o indivíduo gostaria ou ao aderir à vontade do outro, não adianta reclamar porque essa foi feita livremente. A negação de nossa condição apenas nos toma a realidade.

Do ponto de vista de Sartre (1997), a liberdade é uma condenação que cada ser humano recebe pelo simples fato de existir. Talvez, sobre esse aspecto as pessoas não estivessem dispostas a morrer pela liberdade, como diz Rollo May (1987).

O fato é que ao aceitar essa concepção, o homem não pode fugir de sua responsabilidade sobre o mundo e sobre si mesmo; desse modo, não adianta lamentar ou procurar culpados, sou eu quem escolhe o que sou e o que serei, através de minhas ações. Minhas ações são necessárias pelo simples fato de eu existir.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANELON, M. **O conceito sartreano de liberdade**: implicações éticas. **Rev. Urutágua** – Revista acadêmica multidisciplinar. Maringá, PR, INSS 1519.6178, nº 04, maio 2002. Disponível em: [http://www.urutagua.uem.br//04fil\\_danelon.htm](http://www.urutagua.uem.br//04fil_danelon.htm)  
Acesso em 02 de março de 2007.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio século XXI escolar**: O minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

MAY, R. **Liberdade e destino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

MICHAELIS: **Minidicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

PERDIGÃO, P. **Existência e liberdade**: uma introdução à filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM. 1995.

SARTRE, J-P. **O Ser e o nada**. Petrópolis: Vozes, 1997.

